

VAIDADE DE NIILISMOS: um Diálogo entre a Teologia e a Filosofia.

Vanity of Nihilisms: a Dialogue Between Theology and Philosophy.

Flaviano Nogueira Siedeliske¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise do livro de Eclesiastes, comparando com a corrente de pensamento chamada Niilismo, apresentando, de maneira geral, como o autor aborda o tema da ausência de sentido. O objetivo da pesquisa é demonstrar como as ideias apresentadas pelo livro de Eclesiastes dialogam com as ideias do niilismo, principalmente do niilismo existencial, entretanto, também visa demonstrar que o autor de Eclesiastes não era niilista, e que o mesmo apresenta uma solução para o problema da ausência de sentido. Uma vez que o livro de Eclesiastes é, muitas vezes, mal compreendido e sua mensagem é interpretada de maneira equivocada, esse trabalho se torna necessário para que tais interpretações equivocadas não venham a afetar a saúde espiritual do corpo de Cristo. Baseado em trabalho de autores como Derek Kidner e Warren Wiersbe, o artigo se inicia com uma breve explicação a respeito do niilismo, principalmente sobre o significado do termo e como o mesmo será encarado no decorrer do texto. Em seguida faz-se uma análise do tema da ausência de sentido no livro de Eclesiastes, enfatizando o significado das expressões *vaidade de vaidades* e *debaixo do sol*. Por fim, o texto busca responder que espécie de diálogo pode haver entre a teologia, representada por Eclesiastes, e as ideias niilistas.

Palavras chaves: Eclesiastes; Niilismo; Vaidade.

ABSTRACT

This article presents an analysis of the book of Ecclesiastes, comparing with the thought chain called Nihilism, presenting, in general, how the author

¹ Pós-Graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR); Licenciado em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (FARESC); E-mail: Flavianosiedeliske@gmail.com.



approaches the theme of the absence of sense. The objective of this research is to demonstrate how the ideias presented by the book of Ecclesiastes dialogue with the nihilism, principally with existential nihilism, and that the same presents a solution for the problem of the absence of sense. Once that the book of Ecclesiastes is, many times, misunderstood and his message is wrongly interpreted, this work becomes necessary for such wrongly interpretations will not affect the spiritual health of the body of Christ. Based on works of authors like Derek Kidner and Warren Wiersbe, the article begins with a brief explanation about the nihilism, principally about the meaning of the term and how the same will be view in the course of the text. Then it is done an analysis of the theme of the absence of sense in the book of Ecclesiastes, emphasizing the meaning of the expressions *vanity of vanities* and *under the sun*. Finally, the text seeks for answer what kind of dialogue there may be between the theology, representing by Ecclesiastes, and the nihilist ideias.

Key words: Ecclesiastes; Nihilism; Vanity.

INTRODUÇÃO

O livro de *Ecclesiastes*, ou o *Qoheleth*² (*Qohelet*), possui um tom diferente de tudo que pode ser encontrado nas Escrituras, e, por esse motivo, “entrou no cânon judaico com muita desconfiança e descrédito” (GONÇALVES, 2017, p. 162).³ Um dos problemas com relação a sua interpretação é que os cristãos fazem mau uso da literatura sapiencial, pois a lêem de maneira parcial, sem entender a mensagem total que o livro carrega (FEE; STUART, 2011, p. 271, 272). Com o livro de Ecclesiastes não é diferente: numa leitura descompromissada e parcial, pode-se imaginar que o autor seja um cético ou um pessimista, uma alma em desespero ou um grande niilista (MELO, 1999, p. 18). Logo, o problema

² A palavra *Ecclesiastes* vem do grego e significa “aquele que fala a uma assembleia”, já a palavra *Qoheleth* vem do hebraico e pode ser traduzida como “o Pregador, o Sábio, o Velho, O que sabe, o Sapiante Venerado, o Colecionador de Máximas, O que sabe que não sabe” (MELO, 1999, p. 17). Nesse artigo a palavra *Ecclesiastes* será usada para designar tanto a obra quanto seu autor.

³ Como exemplo de desconfiança com relação ao livro pode ser citado o episódio em 100 d.C. onde houve uma disputa entre rabinos em Jamnia a respeito da *razão* da autenticidade de Ecclesiastes. Entretanto, após a disputa, sua fidedignidade foi concordada (CARSON, 2009, p. 921).



levantado é: *Eclesiastes* realmente dialoga com o niilismo? Que tipo de diálogo é esse?

A hipótese trabalhada é que sim, *Eclesiastes* dialoga em certo sentido com as ideias niilistas. Entretanto, seu autor não é niilista, pois ele apresenta uma maneira de viver que permite a fuga da ausência de sentido.

A justificativa para o tema está no fato de que uma interpretação correta do livro de *Eclesiastes* poderá fortalecer em muito a saúde espiritual do Corpo de Cristo, uma vez que os resultados encontrados giram em torno do fato de que, segundo o *Eclesiastes*, o único modo de vida que foge da ausência de sentido e significado é uma vida em observância aos preceitos de Deus.

1. O NIILISMO

Proveniente do latim *nihil*, cujo significado é *nada*, o *niilismo* é o movimento caracterizado pela “negação de toda a crença” (SIMÕES et al., 2009, p. 113). Luiz Felipe Pondé (2013, p. 236) define-o como “a destruição absoluta da tradição”. Já no pensamento de Nietzsche, o termo se caracteriza pela transvaloração de todos os valores (MARTON, 1999, p. 134) – ou seja, suprimir, inverter e criar novos valores (p. 138, 139).⁴ Dessa maneira, tem-se, num primeiro momento, o Niilismo como a corrente de pensamento que nega toda crença, tradição e valores.

Essa negação é expressa mais notavelmente pela vertente denominada *niilismo existencial*, que é o conceito que “está associado a crença de que a vida não tem sentido” (SIMÕES et al., 2009, p. 114), é com esse entendimento que o conceito de niilismo é usado na maior parte das vezes. Logo, pode-se dizer que a visão niilista de mundo nega as crenças, tradições e valores porque os mesmos não fazem sentido.

⁴ Heidegger (2003, p. 474) defende que, através da sentença ‘Deus está morto’, Nietzsche sintetiza sua interpretação sobre o niilismo.

Assim, tem-se que o niilismo, interpretado pelo seu viés existencial, é a visão de mundo que nega que as crenças, as tradições, os valores e a existência tenham sentido, e é essa a definição que será abordada nessa pesquisa.

2. ECLESIASTES NUMA PERSPECTIVA NIILISTA

O livro de Eclesiastes segue um estilo de composição literária do antigo Oriente Médio denominado *literatura pessimista* (CARSON, 2009, p. 920).⁵ O propósito desse tipo de composição é demonstrar que não é tão simples encontrar propósito e significado na vida e nas atividades humanas (WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2018, p. 641). Por pertencer a esse tipo de literatura, Eclesiastes causa muita dificuldade quando lido, pois possui passagens que parecem autocontraditórias e outras que parecem contraditórias com a revelação bíblica como um todo (FEE; STUART, 2011, p. 292). No decorrer de suas páginas, Eclesiastes se mostra um livro ácido, levantando várias incertezas sobre o futuro e apresentando as atividades humanas como um vapor passageiro e efêmero (GONÇALVES, 2017, p. 162). Eclesiastes, como já dito, não é um livro fácil de ler.

Embora geralmente vinculado a Salomão (1.1), sua autoria permanece enigmática. Entretanto, quando se trata dos livros sapienciais, esse ponto não possui importância primária (SCHULTZ, 2009, p. 324, 340). Seu tema central gira em torno da palavra *hevel*, ou seja, *vaidade*:

Palavra do Pregador, filho de Davi, rei de Jerusalém: Vaidade de vaidades, diz o Pregador, vaidade de vaidades, tudo é vaidade. Que proveito tem o homem de todo

⁵ Alguns exemplos desse tipo de literatura são *O Diálogo acadiano do pessimismo*, *A Epopeia de Gilgamesh* (CARSON, 2009, p. 920), *A canção do harpista* e *A disputa entre o homem e seu Ba* (WALTON; MATTHEWS; CHAVALAS, 2018, p. 641).



o seu trabalho, com que se afadiga debaixo do sol (Ec 1.1-3, ARA).

Essa expressão aparece 35 vezes no livro e possui significados como “vazio”, “futilidade”, “vapor”, “aquilo que desaparece rapidamente e não deixa coisa alguma para trás” (WIERSBE, 2006, p. 451, 452), ou, ainda, “brevidade”, “descrédito”, “fragilidade” e “ausência de propósito claro” (CARSON, 2009, p. 923). Kidner (1989, p. 10) define como, “um pouquinho de fumaça, uma rajada de vento, um simples sopro”. Eclesiastes defende que a vaidade está presente em toda atividade humana: alegria (2.1); frustração (4.4, 7-8); vida (2.17); morte (3.19); juventude (11.10); na vida dos sábios e tolos (2.15, 19) e dos diligentes e preguiçosos (2.21, 23, 26) (EATON; CARR, 1989, p. 62). Dessa forma, “toda experiência humana, vista como um todo, está ‘sujeita a vaidade’” (p. 63), ou seja, a ausência de sentido engloba toda a esfera da existência humana.

Outra expressão que merece destaque é *debaixo do sol* (1.3). Essa frase aparece cerca de 30 vezes (KIDNER, 1989, p. 11) em Eclesiastes, geralmente complementando o sentido de vaidade, e pode ser entendida como o “ambiente, [...] oportunidade ou [...] tempo que dispomos aqui no mundo” (MELO, 1999, p. 31). Wiersbe (2006, p. 452-453) define que é o “ponto de vista do autor ao olhar para a vida pela perspectiva humana e não necessariamente do ponto de vista do céu”. Logo, *debaixo do sol* se refere ao mundo e às atividades humanas observados pela limitada perspectiva humana. Um exemplo dessa visão está no texto de Eclesiastes 1.2-11, que apresenta “um mundo infinitamente ocupado e desesperadamente inconclusivo” (MELO, 1999, p. 16), que se torna “um caos destituído de significado e de progresso” (EATON; CARR, 1989, p. 61), pois “as novidades não passam de novas combinações daquilo que já existe” (WIERSBE, 2006, p. 458). Sobre a perspectiva de um mundo inconclusivo, cíclico e caótico, Kidner (1989, p. 13-14) comenta que



Tudo isso apresenta um espelho para o cenário humano. Como o oceano, os nossos sentidos são alimentados mais e mais, mas nunca se satisfazem. Como o ciclo da natureza, a nossa história está sempre retornando, deixando de cumprir a sua promessa. E a jornada continua, sem nunca chegarmos ao destino. Debaixo do sol não existe um lugar pra ir, nada que satisfaça completamente ou seja realmente novo.

Observando que o mundo vazio que Eclesiastes descreve é um espelho para o cenário humano, chega-se a conclusão de que, debaixo do sol, a vida é extremamente frustrante: é frustrante por ser destituída de sentido, é frustrante por ser vaidade. Alguns exemplos de vaidades que cercam a humanidade são: o trabalho (2.17-26);⁶ o dinheiro (5.10, 13, 15-16); os prazeres e as construções para o futuro (2.3-11);⁷ a busca por sentido (8.16-17); e a busca por sabedoria (1.18; 2.15-16). De maneira geral, o Eclesiastes diz que tudo isso se torna vaidade quando o homem se depara com a perspectiva da morte (2.16; 3.19; 8.8), pois, diante dela, todas as escolhas são postas como irrelevantes.

Assim, Eclesiastes mostra a realidade de um mundo de vaidades, onde as coisas debaixo do sol são vazias, desprovidas de sentido e sem propósito. Logo, pode-se ver que a teologia – representada por Eclesiastes – possui, sim, um diálogo com o Niilismo, entretanto, ao contrário do que pode se concluir até aqui, Eclesiastes não era niilista, muito menos pregava que toda forma de viver não possuía sentido.

3. O DIÁLOGO DO NIILISMO COM A TEOLOGIA

⁶ Melo (1999, p. 48) comenta, sobre Ec 2.20, que “o esforço humano será esquecido pelas gerações vindouras, e o valor do trabalho passará para quem não trabalhou e poderá estragar tudo”. Assim, o desespero surge diante da possibilidade de todo o trabalho da vida ser inútil.

⁷ Kidner (1989, p. 36) argumenta que, se existe algo que se possa retirar da arte, do trabalho ou da construção para o futuro, isso não sobreviverá ao teste definitivo da morte.



Para entender que o Eclesiastes não era niilista, deve-se voltar na expressão *debaixo do sol*, pois uma vez que o autor afirma que a vida debaixo do sol é vaidade, desprovida de sentido e significado, pode-se perceber que o mesmo apresenta um elemento que vai contrastar com a ideia de *debaixo do sol*: a existência e majestade de Deus.

Nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer que a sua alma goze o bem do seu trabalho. No entanto, vi também que isto vem da mão de Deus, pois, separado deste, quem pode comer ou quem pode alegrar-se? (Ec 2.24-25, ARA)⁸

Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até o fim (Ec 3.11, ARA).⁹

Eis o que eu vi: boa e bela coisa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção (Ec 5.18, ARA).¹⁰

Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirá: Não tenho neles prazer (Ec 12.1).¹¹

⁸ A partir desde versículo, pode-se notar que “surge *nova visão da vida*” (EATON & CARR, 1989, p. 80, grifo meu). Eclesiastes, então, passa a colocar de lado as limitações da vida *debaixo do sol* e apresentar a mão de Deus nas atividades humanas. Como bem pontua Schultz (2009, p. 340), nas deliberações finais do Eclesiastes, ele se volta para Deus.

⁹ Melo (1999, p. 54) comenta que “existe no coração do homem um anseio pelas coisas eternas. Há no ser humano um vazio que só pode ser preenchido pelas coisas eternas”.

¹⁰ Kidner (1989, p. 46) afirma que o texto mostra que “a palavra chave é Deus”, e que o segredo para encarar a vida é “aceitar tudo como vindo do céu, quer seja trabalho ou riqueza, ou ambos”.

¹¹ O ensino dessa passagem é que, “diante a brevidade da vida, é conveniente aproveitar a juventude mantendo harmonia com as determinações do Criador” (MELO, 1999, p. 90).



Como é possível notar, quando o Eclesiastes cita a ação de Deus, ele apresenta uma nova visão da vida, uma nova perspectiva. Percebe-se, então, que o livro possui certa diferença com outras obras da *literatura pessimista*: enquanto essas eram “desoladoras, sensuais e desprovidas de qualquer nota de esperança”, o Eclesiastes apresenta a possibilidade de uma vida de “alegria, fé e segurança na bondade de Deus” (CARSON, 2009, p. 920).¹² Quando Deus entra em seu discurso, a vida deixa de ser vaidade. Deus é a chave que estabelece o diálogo entre o pensamento niilista e os ensinamentos do livro de Eclesiastes, e a maior evidência disso está nos versículos finais do livro:

De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem. Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más (Ec 12.13-14, ARA).

Durante toda a caminhada pelo livro de Eclesiastes, nenhum caminho levou a parte alguma, exceto no último capítulo, em que o caminho aponta para o *temor a Deus* (Pv 1.7), que, na tradição sapiencial, é o “medo reverente e respeito santo, resultantes da percepção da magnificência de Deus” (EATON; CARR, 1989, p. 130). Wiersbe (2006, p. 511) define-o como “a atitude de reverência que o povo demonstra para com ele por amor e respeito a seu poder e sua grandeza”. Dessa forma, pode-se definir *temor* como a reverência a Deus em sua santidade e soberania, que inspira o crente a viver em fé e submissão a Ele.

O temor a Deus é a resposta contra a falta de sentido apresentada ao longo de Eclesiastes: é o contraste com a vaidade. A vida de fé e reverência a Deus é o remédio para vencer a falta

¹² Além disso, outra diferença em relação à literatura de sabedoria não israelita é que, enquanto essa está preocupada em ensinar as melhores escolhas para se chegar a uma vida melhor, Eclesiastes e toda a literatura de sabedoria bíblica acrescentam que essas *melhores escolhas* são as escolhas piedosas que levam a Deus (FEE; STUART, 2011, 271, 274).



de sentido, o remédio para vencer o niilismo.¹³ Logo, pelas palavras de Melo (1999, p. 94),

A conclusão do livro é: “Teme a Deus e guarda os seus mandamentos”. É o antídoto contra o seguir a vaidade e o andar sem Deus [...] “Este é o dever de todo homem”. A finalidade desta vida é temer a Deus. Quem ainda não aprendeu essa lição está perdido neste mundo.

E a grande conclusão é que *Eclesiastes*, cujo autor não é niilista, “trata-se de um ensaio a respeito de apologética. Defende a vida de fé num Deus generoso, enfatizando o horror de outra alternativa” (EATON; CARR, 1989, P. 49), ou seja, o diálogo estabelecido entre o livro de *Eclesiastes* – a teologia – e o pensamento niilista é que a vida sem temor, fé e reverência a Deus é desprovida de significado, é vaidade, e aquele que vive dessa maneira tem como destino cair no niilismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns resultados puderam ser obtidos através dessa pesquisa. Primeiramente, que *Eclesiastes* deve ser lido observando seu contexto, pois o mesmo faz parte de um estilo literário de sua época, com características e objetivos específicos. Também foi possível compreender que, apesar de relacionar toda a vida *debaixo do sol* com a *vaidade*, o *Eclesiastes* não é niilista, pois não julga que todas as maneiras de viver são sem sentido. E, enfim, pôde ser observado que o livro estabelece, de fato, um diálogo com o pensamento niilista, entretanto esse diálogo é no sentido do autor expressar que a vida sem a perspectiva da fé e temor a Deus é vazia se sentido e significado.

¹³ Kidner (1989, p. 94) sobre o verso 14, onde é dito que Deus está atento e julga todas as nossas obras, ainda comenta que “se Deus se importa tanto assim, então nada pode ser sem sentido”.



Nesse ponto é interessante citar o pensamento de Melo (1999, p. 09) de que “a mensagem de Eclesiastes mostra que a vida sem o temor de Deus termina em desespero porque ‘tudo é vaidade’”. A vida sem Deus é vaidade: é fútil, vazia e sem significado. Diante dessa verdade, Eclesiastes dá a solução para evitar que se viva uma vida de vaidades, que é viver sabendo que o dever de todo homem, e aquilo que contrasta com a vaidade, é temer a Deus.

Por fim, a conclusão que se chega com o que foi apresentado nesse artigo é que a mensagem final do livro de Eclesiastes é que a vida *debaixo do sol* realmente não faz sentido, e, por isso, o homem deve viver em observância àquilo que está *acima do sol*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo de Genebra**. 2ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblia do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009, 1984p.

CARSON, D. A., et al. **Comentário Bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009.

EATON, Michael A., CARR, M. Lloyd. **Eclesiastes e Cantares: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1989.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lê?:** um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. 3.^a edição revisada e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GOLÇALVES, Alonso S. Assim é a vida! O pessimismo de Qohélet e Nietzsche como afirmação da vida. **Teologia e Espiritualidade**, v.4, n.8, p. 161-169. Curitiba, 2017.

HEIDEGGER, Martin. A sentença nietzschiana "Deus está morto". **Natureza humana**, v. 5, n. 2, 2003, p. 471-526.

KIDNER, Derek. **A mensagem de Eclesiastes**. São Paulo: ABU Editora, 1989.



MARTON, Scarlett. A morte de Deus e a transvaloração dos valores. *Revista Hypnos*, n. 5, 1999, p. 133-143.

MELO, Joel Leitão de. **Eclesiastes Versículo por Versículo**. 1^aed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1999.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Crítica e Profecia: a filosofia da religião em Dostoiévski**. São Paulo: LeYa, 2013.

SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

SIMÕES, A. et al., O Sentido da vida: Contexto ideológico e abordagem empírica. *Psychologica*, 2009, n.51, p. 101-130.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento: volume III, Poéticos**. Santo André, SP: Geográfica editora, 2006.

